

Aurora do Cávado

Premiada com o Grande Diploma de Honra na Exposição da Imprensa de 1898

QUINZENARIO LITERARIO, BIBLIOGRAFICO E POLITICO SEM POLITICA

Director, proprietario e editor: RODRIGO VELLOSO

Redacção e Administração

RUA GOMES FREIRE, N.º 101-1.º

LISBOA

Composição e Impressão

TIP. D'ANDRÉ J. P. & F.º, SUCESSOR

VIANA

3.ª SÉRIE - N.º 59 (A)

LISBOA, 8 DE DEZEMBRO DE 1912

36.º ANNO

Aspectos literarios

Renan sob o ponto de vista umoristico

Renan, o eminente e austero escritor que tamanha copia de obras do mais relevante merito escreveu, trazendo a plena luz muitas e muitas paginas da historia, especialmente das religiões, pouco conhecidas ou mal interpretadas, e que com sua numerosa obra scientifica e literaria grandemente enriqueceu as letras francêsas ao mesmo tempo que para si creava nelas nomeada a desafiar a edacidade do tempo, não perdeu nos trabalhos de ardua e afanosa investigação a que durante toda a sua vida se entregou, o fino e cintilante espirito que os galos transmitiram a seus descendentes e que, tantos seculos decorridos já, continúa a ser um dos mais belos caracteristicos do povo francês.

De que assim era ficaram alguns testemunhos e vestigios em suas obras, e como sob tal feição é menos, ou nada, conhecido entre nós o preeminente escritor, sendo-o até quasi só, ou especialmente, pela sua *Vida de Jesus*, que sob aspecto algum dos inumerosos que apresenta eu quero ou pretendo discutir, trarei para aqui algumas das faiscas dêsse seu espirito galo, extraidas do seu livro *Feuilles Detachées*, continuação de outro livro seu *Souvenirs d'enfance et de jeunesse*, e como êle encanta-

dor em todas as suas paginas.

Nos tempos de Renan, não sabendo eu se posteriormente á sua morte continuaram, eram celebrados, por iniciativa de M. Quellien, poeta e prosador bretão, sob a denominação de *Diners Celtiques*, jantares mensaes, a que primitivamente só admitidos filhos da Bretanha, poetas em seu maior numero, que o ensejo aproveitavam não só para celebrarem a sua tam querida patria como ainda para se lerem os versos, que no intervalo de um outro jantar haviam feito. As despesas eram por quotisação, a cinco francos por cabeça para cada jantar, e estes realisavam-se junto da estação do caminho de ferro de Paris onde se embarca, partindo, para a Bretanha, e onde se desembarca voltando desta.

Depois foi alargado o quadro dos convivas e veio a abranjer todas as nacionalidades e todas as raças, sendo curiosissimo o final de cada jantar, pela recitação por uns e outros convivas, de poesias nas linguas mais diversas. Renan, a começar de 1880, foi admitido a alguns dêsses jantares, e de seu convivio conservou sempre as melhores recordações, afirmando que a assistencia a êles lhe diminuira dez anos nos já vividos.

Renan que nunca foi grande discursador e que para os discursos e conferencias, que em sua vida realizou, se preparava com tempo e devidamente, conscio das responsabili-

dades que lhe impunha seu passado, gostava de conversar difusamente nos jantares a que concorria e especialmente o fazia nesses denominados celticos, dos quaes «saía—segundo suas proprias palavras—alegre, bem disposto, animado para o trabalho, e preso á vida, como que remoçado de cincoenta anos».

Num destes, celebrado no dia de Reis de 1889, eis as palavras que elle á sobremesa proferiu, não segundo apontamentos proprios que delas tivesse, mas pela noticia que dêsse jantar publicaram os jornaes:

«Sabeis o grande orrôr que tenho aos discursos e sobretudo aos discursos á mesa... Comtudo não posso deixar de dizer alguma cousa em onra dos reis magos.

«Tenho por elles uma grande devoção. Que bons tempos aquêles em que os reis eram magos e em que os magos eram reis! Ah! eram verdadeiramente reis como nós os amamos, isto é perfeitamente quimericos. Se elles chegassem a Paris, num momento de crise como o que atravessamos, e fizessem apêlo ao sufragio universal, certamente votaríamos nêles, nós, eternas creanças, partidarios obstinados da quimera; mas, tambem, é bem certo que seríamos derrotados! Pobres reis magos, a que estrondoso fiasco se não sujeitarião! Eram verdadeiros idealistas, ao deixarem seus paizes para seguirem atrás de uma estrela! Ah! senhores, que bons que serão êsses reis!...»

Como nêsse jantar lhe caisse em sorte a fava do bolo tradicional, decerto, diz Renan, por gentileza de Quellien, disse ainda:

«Que deliciosa realeza a da fava! Prefiro ser rei pela designação da fava a sel-o pelo sufragio universal. Bebamos, pois, á fava, aos reis magos, ao reino de majia, de que somos fieis subditos!»

No jantar, tambem no dia de Reis de 1891 proferiu o seguinte brinde, igualmente segundo o relato dos jornaes, brinde em que elle nota, por êstes, ter-se um pouco repetido:

«Por que maneira fazer falar os magos depois do que dêles disse há

dias, no seu encantador «Natal» o nosso amigo Bouchor! Que perigrina obra-sinha! e que deliciosa noite a que passei escutando-a! Que excellentes sentimentos não attribuiu elle a êsses reaes personagens! Não sei se tão dignos soberanos tinham uma teologia tam avançada. Mas que importa? Eram com certeza pessoas de coração.

«A legenda não diz que elles viessem á Bretanha. E' pena. Terião sido festejados, aclamados, nomeados por unanimidade soberanos do país. Vieram a Treves; é isso fóra de duvida, visto que ainda aí existe a sua ospedaria, a dos «Tres Reis Magos», aquella em que elles se abrigaram... e era com certeza, a melhor da cidade... Viajantes de tal importancia!!

«Mas se não estamos bem seguros de que elles viessem á Bretanha, é isso muito e muito provavel, não é assim, meu caro Quellien?

«Investigae o caso; encontrareis dêle provas, tenho disso a certeza. E se aí foram devem ter ficado muito satisfeitos com sua viagem. Encontrarião ali boas cousas, um excellent país, pessoas estimaveis... e excelente cidra.

«São elles os nossos verdadeiros patronos. Nós, idealistas, desprendidos das cousas da terra, seguimos como os magos atrás de uma estrela, sem bem sabermos aonde ela nos levará.

«Que bem que elles andaram... Abandonaram seus subditos, e, nem por isso, se viu que êstes passassem peor. O regimen constitucional progride algumas vezes durante a ausencia, a loucura e a menoridade dos soberanos. Sim, é certo. Somos um pouco como êsses magos do Oriente. Somos companheiros na rota das estrelas! A que elles seguiram levou-os a um estabulo onde, sobre a palha, encontraram o que buscavam.

«As estrelas que nós seguimos assemelham-se á estrela dos magos; guiam-nos para tudo, menos para a riqueza. Sim, senhores, tudo alcançaremos excepto o enriquecermos. Não é essa a nossa condição. Deixaremos sempre aos outros o pesado encargo de serem ricos. Não é

isso comnosco, *Vidimus stellam ejus, venimus adorare eum.*

«Tenho tido por vezes curiosidade de saber o que se passou no reino dêsses bons monarcas, durante sua viagem á procura do verdadeiro Deos. Deveria ter pedido a tal respeito informações ao meu colega o sr. de Vogué. Sabeis, por certo, que os Vogué descendem dos reis magos —ou pelo menos daquêle d'entre êles que se chamava Melchior—é êsse o motivo por que o primogenito da familia se chama Melchior, como recordação de seu glorioso antepassado. O meu confrade deve ter, entre seus papeis de familia, informes bem interessantes a seu respeito. Mas cousa alguma vale o *Vidimus stelan ejus, venimus adorare eum.*

«Sempre latim nas istorias que vos conto, e istorias que tam sômente os parocos sabem! Se eu fosse um paroco da aldeia, como evidentemente era a minha vocação—que profissão encantadora! que de bem se pôde fazer nela e quanto ser-se feliz! —teria pronunciado, em todos os anos, o panegirico dos reis magos. Não sendo paroco d'aldeia, tendo sido chamado a outros exercicios, descarrilho, quando estou comvosco, no meu trilho, torno-me vigario. Desculpa-me, senhores».

(Continúa)



ASPECTOS SOCIAES

Continúa a governar a rua

Vão passados mais de dous anos sobre a proclamação da Republica em Portugal, e são quasi volvidos ou volvidos já dous anos desde o dia em que a rua começou a levantar cabeça, e a dar mofino testemunho da sua intenção e propositos de intervir na governação do Estado, e norteal-a ao bel-prazer de suas paixões.

Bem presentes não pôdem deixar de estar na lembrança os factos conspurcantes que então principia-

ram a surdir a lume, quer nas injurias e maus tratos aos indicados como monarquicos, e como taes denominados talassas, quer nas assaltadas e depredações feitas nas sédes de diversos periodicos, quer nos desacatos e assaltos praticados em diversos templos e ainda em casas particulares, quer e ainda na pressão que por vezes se intentou fazer, por modo altamente revoltado e aviltador, sobre os tribunaes por ocasião do julgamento dos supostos e indijitados conspiradores, ao fim de serem condenados com provas ou sem elas.

Desde todo o começo em que taes manifestações, verdadeiramente barbaras e selvajens, começaram a surdir a lume, não poucas vozes se levantaram contra elas, justamente clamando que se lhes pozesse termo, e fossem castigados para sua emenda e exemplo para o futuro, não só seus autores mas ainda seus instigadores, os de maior e mais revoltante responsabilidade no caso, e até na camara dos deputados se levantou voz veemente, desfiando as tantas torpezas praticadas pela rua, e reclamando que por onra e bom nome da Republica, e para o lustre proprio que tamanho mister lhe faz, se lhes pozesse pronto cobro.

A imprensa cordata, ainda que republicana, no mesmo sentido fez ouvir sua voz, e a opinião e a consciencia publicas bem testemunharam que veemente e incondicionalmente estavam ao lado do governo no sentido e ao fim de coibir abusos tam vergonhosos e abominaveis. Tudo isso foi embalde, que os governantes, quer avassalados pelo medo, quer obsecados pela incompreensivel sugestão de haverem por si a aura e favor populares, como se a rua fosse povo, quer e ainda por pressão junto dêles feita por parte dos promotores das nefandas façanhas, alguns altamente cotados no partido republicano, cousa alguma fiseram, a despeito da rapida mutação de sucessivos ministerios, nem para punição dos autores das façanhas realizadas nem para malogro das intencionadas para futuro, e se por vezes se abriram parentesis, não muito longos, no co-

metimento de tam sujos lances, devido isso sómente ao efeito da animadversão publica com que êles verberados, senão tambem ao cansaço dos proprios discolos.

Em uns «Aspectos sociaes» precedentes, subordinados a epigrafe identica a que êste encima, procurei tanjenciar o que em taes factos e sua continuada reprodução trazia de doloroso e vergonhoso para a Republica, não o fazendo com o minimo intuito ou a mais leve esperança de que minha debil voz tivesse o minimo eco, quando certo era que outras autorisadissimas o não haviam despertado, mas tam só como desabafo de um animo revoltado e de rejisto para a istoria dos actuaes tempos.

Isto só, e tam sómente, é o que agora me traz, pela terceira vez, a voltar ao assunto, dando-me para isso o almiré os recentes sucessos do Porto, em que alguns centos de revoltados contra tudo que seja ordem e bom senso, tam sómente suggestionados por paixões pouco confessaveis, promovem tumultos e arruaças contra a Comissão Municipal, prometendo e ameaçando promover-as contra o Tribunal do Comercio que não obtemperou a seus desejos, e contra tudo e todos que ouzarem defrontar-se com êstes...

Essas poucas centenas de individuos, por detraz dos quaes e movendo os respectivos cordelinhos, bem se denunciam os verdadeiros «amigos» da Republica, mui iguaes áquelles de Voltaire, de que êste a Deus pedia que o livrasse, «amigos» que tem sido os principaes promotores e agentes das circustancias precarias que aquella têm atravessado, confiados na benevolencia, na tolerancia, quem sabe se até em compadrio com as autoridades, têm em sobresalto e xeque, a grande maioria, a quasi totalidade da povoação do Porto, perturbando o viver quotidiano, dificultando a acção da industria e do commercio, em muito paralisados, demonstrando por todas as maneiras sua sanha contra os que lhe não vão na corrente, entre os quaes se contam as mais — todas — importantes agremiações portuenses, e essa sa-

nha levam até o ponto de ameaçar o governo com a revolução se não obedecer a suas imposições.

Deixaram fazer larga e longa sementeira de ventos, sem por modo algum a impedirem, e não há, pois, que admirar que sobre as depradoras tempestades passadas se venham acumular outras mais terribes e daninhas...

Está um semelhante, e tam calamitoso espectaculo chamando e prendendo as atenções do país são, em sua totalidade, e todos enleitados e avidos se mostram por ver o como o sr. presidente do Conselho de Ministros e ministro do Interior, tendo negado a demissão á Comissão Municipal, que já por duas vezes lh'a solicitou, se haverá no caso, se com a enerjia que manifestou por ocasião da ultima parede dos empregados dos carris de ferro de Lisboa, se com a lenidade, e quasi covardia se poderá dizer, com que em casos identicos, mas não de tamanha gravidade, procederam os ministerios anteriores.

Bem mais facil lhe seria a missão a desempenhar no caso, se mais avisado andasse em fazer investigar da conspiração há pouco planeada no Porto pelos mesmos que promovem os tumultos actuaes, contra o *statu quo* das cousas, investigação para que sobejos os elementos, pois os proprios implicados no facto a denuncia-lo perante a autoridade superior do distrito, e se se tivessem relaxado aos tribunaes todos os implicados no feito. Se assim houvera sucedido, ou não haveria surjido a occorrença sujeita, ou menos alterosa ela se apresentaria, sendo em bem mais reduzido numero os ousados a ela entrarem.

A dignidade do poder constituido, a estabilidade, consolidação e onra da Republica, e a necessidade que o país tem, mais do que de tudo, do socego e tranquillidade, bem estão indicando ao Ministerio qual o caminho a seguir, e bem mister é que a êle se entre deliberadamente e sem tergiversações, nem contemplações de qualidade alguma, muito mais que estas inteiramente fóra de rasão e de

sação, sendo evidenciado, até pela *Republica*, órgão na imprensa do sr. Antonio José d'Almeida, que á frente dos discolos se encontram, acobertados sob o manto de democratas e carbonarios, omens bem celebrisados por suas façanhas em Cabeceiras de Basto...

Tempo, e bem tempo, é de que, esgotada toda a paciencia e longanimidade, para mais indevidas, pois exercidas para e em favor de quem as não merece, se façam entrar as cousas publicas em seus devidos quicios, *deixando a rua*, e por uma vez de governar.

Nov.º—1912

Rodrigo Velloso



ASPECTOS DE LISBOA

CARNAVAL

Quem, sem d'isso haver consciencia, em qualquer das tardes dos tres dias de carnaval se achasse em pleno Chiado, dir-se-hia, a si proprio, verdadeira e intensamente pasmado do espectáculo que selhe desenrolava ante os olhos, que se os predios que la-deavam a via, e a multidão que pejava o pavimento e passeios deste testemunhavam achar-se em cidade moderna e populosa e devendo como tal acusar a civilisação do seculo XX, os factos verdadeiramente rudes e por vezes selvaticos, que aqui e ali via praticar, denunciavam a mais descaroavel e inconsciente loucura, só propria de gente a quem a civilisação ainda não polira os costumes, ou que era na povoação, em que se encontrava, revivida a celebração das antigas saturnaes e bacanaes, corretas estas e aumentadas no sentido e acrisolamento da mais solta e desenfreada licença. Fazendo um tal juizo do centro de Lisboa, no domingo, segunda ou terça-feira do Entrudo, não era longe da verdade o que o formulasse.

E de facto, ao passo que o Carnaval ou vae passando á istoria, e com bem sobrado motivo, pois em pleno entrudo, com suas momices, esgareseenganos, nos tempos actuaes, corre o ano inteiro desde o primeiro de janeiro até o trinta e um de dezembro, ou se tem ido civilisando, proscrevendo inteiramente, inteiramente de seus folguedos, as rudesas e brutalidades d'outr'ora, em Lisboa sucede inteiramente o contrario e de ano em ano vae êle requintando em selvajaria, cousa alguma valendo contra esta, que nem sequer a diminuindo, os pantufaçados, berrantes e draconianos editaes do Governo Civil que ficando letra morta, pela maior parte das vezes, para os que algo pesam, só seus rigores vêem executados contra os maltrapilhos ou Joões Ninguens.

A que distancia, e com constituição do mais flagrantissimo contraste, não fica a capital do reino, com suas manifestações e brinquedos carnavalescos, cotejando-a com outras terras do nosso paiz, que para o caso preciso se não torna ir mendigar comparações ao estrangeiro, por exemplo do Porto, onde os divertimentos do introito para a quaresma costumam revestir tamanha impo-nencia e grandiosidade, e ainda e até de Braga, apesar da infundada fama de «serem suas festas farelorio».

Há onze anos que, residido em Lisboa, e em nenhum dêles presenciei successo carnavalesco que enchesse o olho ou ao menos despertasse a atenção, e o que de melhor—melhor em face do reles do seu conjunto, constituido por cégadas, salsas e iguais esfarrapadas buzundangas—são os carros que durante oras desfilam pela Avenida e principaes ruas da Baixa, entre as quaes um ou outro—*rari in quaqite vasto*—se distingue pelo bem ideiado e realizado de sua ornamentação. Mas êsse proprio desfilar de carros, pela, no geral, ausencia de alegria que os ilumine, torna-se a breve trecho enfadonho por monotono e sem variedade nem movimentação, equiparando-se a desfile funebre na essencia, embora com fingido e pretencioso ar galho-

feiro. E o surumbático do quadro é o que fica resultando em vez da folia própria da época, e muito mais por se ter anunciado que êle seria animado como rija e ininterrupta a batalha de flores, pois que esta fica apenas nos programas que a apregoam, e no mundo dos factos a mais não vae, nem se traduz do que em um ou outro arremesso solitario e frouxo de esgarçado ou fanado ramallete. E assim é que os lisboetas vão indo cada vez mais justificando a fantasiada atoarda do vandevilista francez *les portugais sont toujours gais*.

Vindo, porém, ao meu proposito com este «Aspecto» direi, consoante a verdade, e sem que em um ápice a avolume ou afeie, que nos primeiros anos da minha estada em Lisboa, presenciei o jogo por toda ela, mas principalmente nas ruas do Carmo, Almada e Chiado, de tremoços dardados a toda a força do braço e com todo e o mais belico entusiasmo não só entre os contendores, mas ainda sobre os inteiramente alheios á refrega, simples transeuntes ou meros espectadores, sem que para evitarem, êstes, a agressão lhes vallesse o sexo ou a idade. Era tal e em tão grande acervo a copia de tremoços por esse modo consumida, que na quarta-feira de cinza os escrivães da penna grande—varredores das ruas—se viam atarefados e abarbadados para recolherem nas carroças receptadoras do lixo, os alqueires e alqueires dêles sem fim que alastravam as ruas, sendo que isso não conseguido jámais a preceito, e os que ficavam entalados entre o calçado delas, se sobrevinda chuva, formavam dias depois verdejante e viçoso tremoçal.

Proibido este galante divertimento, por motivo dos reiterados e vibrantes clamores que levantava, os «benemeritos» empresarios das entrudadas, falhos de ideias para o substituirem por cousa nova, recorrem ao passado em procura de expedientes para seu açodamento na faina em que empenhados, e cousa melhor não encontraram para resuscitar do que os pôs...

O ano em que os fizeram reviver foi de grande festança para os avocadores da velha e já esquecida usança que constituia um como que laço de união entre o pó das folias humanas e a cinza de suas veleidades, tão paredes meias umas doutro, e de bem sentida alegria e não menor ganho para os alfaiates e chapeleiros, que em barda os fatos e os chapéus a parva e bruta brincadeira inutilisou.

Como é bem para vêr este facto deu lugar a grande e clamorosa celeuma, e desta foi consequente resultado o serem os pôs rigorosamente prohibidos. Seguiram-se, por tal motivo, dous anos, ou só um, não o recordo bem, de relativo socego e acalmação no processo dos divertimentos carnavalescos, limitando-se êstes quasi só ao jogar de serpentinas e de *cocotes* de lambarices, e digo quasi porque, ainda assim, á sombra e abrigo d'estas, fizeram e batalharam *cocotes* de feijão fradinho e de areia, miuda ou grossa, jogadas especialmente pelos socios e frequentadores dos *clubs* elegantes e presumindo de reguladores do bom tom...

No ultimo carnaval, porém, o há dias passado, apesar do edital ferindo fogo com as determinações prohibitivas da policia, desbocou-se êle inteiramente, e tomando o freio nos dentes regressou, ou antes e melhor pleiteou competencias com os mais memoraveis dos tempos passados nos desmandos e brutalidade, e conseguiu levar-lhe as lampas.

No Chiado jogaram-se á má cara, e com ininterrupta faina, feijões e *cocotes* de areia, assestadas estas especialmente contra todos os chapéus de coco, em que feitos grandes destroços, sendo a principaes redutos dos fundibularios os *clubs* aristocraticos que ahi enxameiam. Na Avenida chegaram a ser jogados limões, e alguém me referiu que por partes tambem se crusaram, como em eras idas, como armas de arremesso malogrados ovos...

Do artigo de fundo do n.º 31 do *Imparcial* de quinta-feira, 10 do corrente, subordinado á epigrafe «Symptomatas graves», transcrevo os se-

guintes periodos frisantes dessas verdadeiras e bem careterizadas brutalidades:

«Nos dias de carnaval foi observado em Lisboa que, ao passo que as classes populares se mantinham dentro do respeito as indicações policiaes, certos rapazes elegantes envolviam pedras em papel de *cocotes* para agredirem pessoas inofensivas, como aconteceu ao irmão do dr. Almeida, que foi assim ferido violentamente no nariz com uma pedrada... elegante e *conservadora*.

«Quem passava pelo Chiado ficava espantado do que ali via; a policia não era respeitada, e ao passo que alguns individuos das classes elegantes e conservadoras se manifestavam assim desorientados e desrespeitadores para a lei e para a policia, nos bairros pobres, onde os operarios se divertiam, tudo correu mais regularmente e sem brutalidades.

«No Porto um condecorado por S. S. o Papa foi detido pela policia, porque já não lhe podiam ser tolerados mais desregramentos, que nenhum operario seria capaz de perpetrar.

«Em Lisboa o sr. juiz José d'Almeida é ferido violentamente por um elegante que dissimulou uma pedra n'uma *cocote*.

«E um distincto official da guarda municipal viu-se obrigado a entregar á justiça um barbaro elegante que não duvidou tentar o crime de fogo posto para se vingar da sua namorada, entretida com mais dezenove companheiras n'um carro florido.

«O ultimo Carnaval provou que muitos dos individuos das classes chamadas conservadoras e elegantes, vivem na mais profunda desmoralisação.»

O facto a que se refere o penultimo periodo transcrito foi o de um apaixonado de menina que ia numa galera com vinte companheiras, levado pelo ciúme, á mesma lançar fogo.

Verdadeiramente selvagem!...

Dá este successo nota bem suggestionante, assim como todos os mais que ficam mencionados, do que é e

vale o carnaval em Lisboa, para onra e lustre de quem assim o degrada e conspurca.

Lisboa, 14 de fevereiro de 1910

Escreto este «Aspecto» há quasi tres anos, não hei que modificar em sua essencia, pois que a mudança de rejimen politico em cousa alguma tem valido nos dous derradeiros anos para tornar o carnaval mais civilisado e limpo, e ao contrario mais largo e pelintra, do que anteriormente, se alardeou elle — nas duas suturnais desde então realisadas.

Nov.º 1912.

Rodrigo Velloso

BIBLIOGRAFIA

INEDITOS DE SOUSA VITERBO

I INTERPRETES DE LINGUAS ORIENTAIS. II ESTUDOS SOBRE GIL VICENTE. — A TRILOGIA DAS BARCAS.

Sousa Viterbo foi indubitavelmente, como já por mais do que uma vez o tenho assinalado, escrevendo a seu respeito, uma das individualidades mais evidentemente literarias do seu tempo, e pôde bem e afoutamente afirmar-se que nenhum outro escritor português melhor aproveitou todo o tempo de sua existencia para a incessante e indefessa consagração das letras, a que se devotou inteiro, sem que quasi a ferasse com distrações que delas o alheiassem, embora por limitado espaço.

O estudo nêle era como que uma qualidade inata, precisa e imprescindivel de sua natureza, e consequencia imediata e irresistivel dessa sua idiosincracia o trazer a publico, ao dominio de todos, os excelentes e opimos frutos que dêle colhia, sem outro intuito, sem outro alvo que não fosse o de, dando satisfação aos mais intimos e sugestivos impulsos do seu ser, exaltar a patria que lhe foi berço amantissimo, na comemoração e celebração de todos os filhos que a levantaram e onraram com os productos de seu genio, sob qual-

quer das multiplas formas por que a êste possivel manifestar-se.

E cousa alguma pôde distraill-o, desde que lhe amanheceu pleno o uso da razão até seu ultimo sôpro de vida, da tarefa e faina que tomára e se imposera como nôrma desta, que nunca a logral-o foram as arremetidas repetidas e crudelissimas de mais do que uma dolorosissima doença.

Foi assim que êle pôde, em existencia não muito longa, deixar avultadissimo e riquissimo espolio iterario, por sem duvida um dos de mais incontestada valia da nossa literatura contemporanea.

E tam numerosas foram as obras, que para o constituir elaborou, que a sua publicação se dilatou incessante e ininterrompida por muitos e muitos anos, os da quasi metade da sua vida, e mas ainda, após seu decesso, a lume estão vindo, quer em periodicos literarios quer em opusculos ou tomos sobre si, graças ao empenho e solicitude, ao extremo benemerentes para sua saudosa e inextinguivel veneração pela memoria e alto renome de seu Pae, e ainda para lustre da literatura portuguesa, de sua estremecida filha.

Entre as publicações em tal modo feitas contam-se ineditos encontrados entre os papeis do eximio escritor e cuidadosamente seleccionados para virem a lume pela sr. D. Sophia de Sousa Viterbo, e dêles são uns os publicados no n.º 3 da *Revista de Historia*, e que seguidamente, e agora, constituem opusculo de 13 paginas, contendo I *Interpretes de linguas orientaes*. II *Estudos sobre Gil Vicente*. A *trilogia das barcas*.

Qualquer dos dous artigos é elucidativo dos assuntos que a êles foram avocados, e bem testemunham o cunho de cuidadosa investigação e ponderado e seguro criterio que Sousa Viterbo punha em todos os seus trabalhos literarios. No primeiro dêles em rapidos traços, pois limitadas suas dimensões, documenta o quão cuidadosa e difusamente eram estudadas as linguas grega e hebraica em publicas catedras, não succedendo o mesmo com a lingua arabe, não

obstante a importancia que seu conhecimento implicava para o nosso país, pelo dilatado tempo por que os mouros nêle dominaram, e pela influencia que em nossos costumes e lingua êsse dominio exerceu, sendo que Fr. João de Sousa, o primeiro erudito que essa lingua aprendeu em nosso país. A proposito da acção do elemento mouro em Portugal, ainda após a isenção deste do dominio arabe, e com tal intento, relembra diversos e curiosos factos.

No segundo que, como de nota que o acompanha se vê, conjectuado é datar de 1887, e ficou incompleto, versa-se ponto literario interessantissimo, para as obras de Gil Vicente e sua vinda a lume e especialmente sobre o seu primoroso *Auto da barca do inferno*, e suas traduções ou imitações em espanhol, destacando delas uma em verdade mui notavel, publicada em Burgos em em 1539, sob o titulo *El Paraiso y el Inferno Traji-comedia alegórica d'El Paraiso y d'El Inferno*, uma verdadeira raridade bibliografica, sobre que Sousa Viterbo borda considerações do mais elevado relevo e sagaz e preeminente criterio.

Grande a valia, pois, desta publicação, um verdadeiro mimo para os estudiosos e novo titulo de merecida onra para seu autor, e ainda para sua filha a ex.^{ma} Sr. D. Sophia de Sousa Viterbo que á publicidade o traz.

Rodrigo Velloso



Pensar alto, falar baixo, eis a intimidade.

— E' preciso ter-se sido pastor para se julgar da felicidade dos carneiros.

— Falam melhor os que falam menos.

— Gostamos de zombar mas não gostamos que zombem de nós.